



O COTIDIANO INTERIORANO PRESENTE NA MÚSICA DE VANESSA DA MATA¹

Andréa Karinne Albuquerque Maia²

Resumo

O artigo analisa as composições de Vanessa da Mata, identificando elementos da vida no interior. Teoricamente, fundamenta-se na folkmídia, devido a apropriação da cultura popular pela música pop, as banalidades do cotidiano são discutidas pela sociologia do cotidiano. Quanto à metodologia, adotou-se a pesquisa bibliográfica e a análise qualitativa do corpus, formado por cinco músicas que abordam o tema³. O processo folkmidiático em análise contribui para a reflexão das questões sociais que permeiam a vida no interior, bem como, o fortalecimento dos valores desse estilo de vida, tais como: resiliência e ingenuidade.

Palavras-chave: Folkmídia; Cotidiano; Mídia; Vanessa da Mata; Vida no interior.

Introdução

De forma genérica, a mídia pode ser considerada como o conjunto dos meios de comunicação. Para Pena (2012) o conceito de mídia inclui todas as manifestações culturais presentes no espaço público a exemplo das novelas e filmes.

A mídia é objeto de estudo tanto da Comunicação, quanto da Sociologia, esses campos de estudos lançam olhares diferentes sobre o mesmo objeto que podem ajudar a ampliar a compreensão sobre o fenômeno e a realidade social na qual ele está inserido.

[...] informação e comunicação são noções que remetem a fenômenos sociais; as mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas – econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir a democracia cidadã). (CHARAUDEAU, 2007, p. 15, grifo do autor).

¹ Trabalho apresentado no GT 3: Conteúdos da Folkcomunicação, da XVII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, de 10 a 12 de junho de 2015.

² Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra em Comunicação e Culturas Midiáticas, pela mesma instituição. MBA em Gestão Estratégica de Pessoas na Administração Pública (UEPB). Graduada em Comunicação Social nas habilitações Relações Públicas e Jornalismo (UFPB). Vice-líder do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ-PPGC/UFPB). Pesquisadora filiada à Rede Folkcom, à Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor e à Intercom. E-mail: andreakarinne@gmail.com

³ Foram selecionadas cinco músicas, sendo uma música de cada CD da artista, no entanto, a discografia de Vanessa da Mata é composta por sete álbuns, dois deles não fazem parte desta investigação: o “Multishow ao vivo”, por apresentar apenas músicas dos discos anteriores e o “Vanessa da Mata canta Tom Jobim”, por não apresentar músicas compostas pela artista.



No campo midiático, grande parte da produção musical de Vanessa da Mata é marcada por canções autorais que remetem a aspectos do cotidiano tais como: religiosidade, relacionamentos, afeto, crítica ao consumismo e o estilo de vida na cidade do interior. Parte-se deste último, para discutir o conceito de folkmídia presente no cotidiano.

A apropriação do tema da vida simples, típica das cidades do interior, permeada pela cultura popular é disseminada na mídia massiva por meio das músicas de Vanessa da Mata. Fenômeno que se caracteriza como folkmídia, o campo da comunicação que investiga a presença de elementos da cultura popular na mídia de massa, buscando analisar a maneira como tais elementos são utilizados. (LUYTEN, 2002)

Analisar os processos comunicacionais protagonizados pelos seres humanos, sem considerar o espaço social no qual eles estão inseridos, conduz a equívocos que tornam a pesquisa na área das ciências humanas debalde, tendo em vista o fato de que a comunicação é um aspecto inerente à vida cotidiana construída em sociedade. Por essa razão, não se pode separar os processos comunicacionais do contexto social no qual eles ocorrem.

Do ponto de vista metodológico, ressalta-se que as características e estratégias do discurso midiático contribuem com a construção de conceitos no cotidiano. Portanto, a análise do discurso interiorano, presente nas canções de Vanessa da Mata, é fundamental para a compreensão sobre as características desse estilo de vida simples, que em alguns aspectos apresentam o caráter nostálgico por remeter uma época, na qual, a tecnologia não era tão presente como agora na vida das pessoas.

1 O fenômeno folkmidiático

O objeto de estudo deste artigo consiste na identificação de elementos característicos do cotidiano da vida no interior, que na maior parte dos casos, possui traços da cultura popular, que são apropriados pela mídia massiva, mais especificamente, em algumas composições da cantora Vanessa da Mata.

Partindo desse pressuposto, pode-se defender que essa interação entre a cultura popular e a cultura massiva representa um fenômeno folkmidiático. Segundo a definição de Luyten (2002, p. 47) “[...] julgamos conveniente destacar o termo folkmídia como significativo de utilização de elementos folkcomunicacionais pelos sistemas de comunicação de massa.”



Apesar de Luyten (2002, p.40) relatar que o termo folkmídia surgiu pela primeira vez em 1972, na Inglaterra, no entanto, significava algo como “os meios de comunicação a partir de elementos folclóricos”, ou seja, tratava de um conceito muito próximo do termo folkcomunicação. O próprio Luyten (2002) foi responsável pela atualização do conceito, visando atender às demandas decorrentes das transformações do cenário midiático.

2 A sociologia do cotidiano

Caminhar nos campos do cotidiano enquanto área de estudo é se deparar com palavras conhecidas que ganham novos significados, a começar pelo próprio termo cotidiano, que nos aparece como sinônimo de rotina, uma designação que empobrece e esconde toda a riqueza e possibilidades de análise sobre o banal e a centralidade subterrânea que há nos pequenos acontecimentos cotidianos.

Nesse sentido, é importante compreender o cotidiano, enquanto campo de estudo da área de sociologia, a partir das contribuições teóricas de Tedesco (2003), que traz uma visão ampla sobre o cotidiano enquanto campo de análise social.

A sociologia do cotidiano permite uma visão mais contextualizada sobre as relações desenvolvidas na sociedade. Do ponto de vista do senso comum, o termo cotidiano significa algo próximo ao conjunto de rotinas que são vivenciadas no espaço e no tempo pelos indivíduos. Obviamente, essa concepção se caracteriza como simplista e reducionista. Sobretudo, por desconsiderar ou desconhecer o cotidiano enquanto campo de análise social.

Sobre essa questão, Tedesco (2003) relata que apesar de ser recente, a criação do campo da sociologia da vida cotidiana tem seus pressupostos na sociologia tradicional. Este primeiro, “[...] contempla o domínio das ações individuais, rotineiras e não organizadas – como fatos sociais – situando-as em seu ambiente institucional-simbólico e no lugar ocupado pelos atores na estrutura social.” (TEDESCO, 2003, p.20).

O campo do cotidiano é um espaço de conflitos do ponto de vista teórico entre os modernos e os pós-modernos. De forma genérica, os primeiros adotam a razão instrumental herdada do iluminismo, enquanto que os pesquisadores do segundo grupo, na análise da vida cotidiana consideram como pertinentes os aspectos relacionados ao efêmero e ao banal, buscando por meio de uma razão sensível compreender as nuances do objeto em estudo.



A sociologia do cotidiano não surge com a crítica da pós-modernidade. Já falamos que muitas de suas críticas já foram feitas por modernistas. Com isso não queremos dizer que a radicalização crítica dos princípios modernos pela pós-modernidade tenha de ser refutada, que não tenha sentido, ou, então, que o fato de reconhecermos a subjetividade, o imaginário, a impressão, a empatia, o sensorial, etc seja um suposto irracional ou não possa ser alimentado pela via da razão. (TEDESCO, 2003, p.22-23).

A despeito dos embates nessa área, é notória a contribuição do campo de análise da vida cotidiana para compreender as relações estabelecidas na sociedade, pelo fato de permitir “[...] demonstrar a possibilidade de estabelecer ligações entre os grandes dispositivos sociais e os que regulam a vida cotidiana, bem como resgatar o reaparecimento do sujeito em face das estruturas, dos sistemas e do instituído no vivido” (BALANDIER, 1983 apud TEDESCO, 2003, p.21)

Pereira (2007) defende que a vida cotidiana é formada por três elementos: o mundo da vida, a vida cotidiana e a cotidianidade. O primeiro que é tributário da fenomenologia de Alfred Schutz, segundo Pereira (2007, p.67) refere-se ao “mundo intersubjetivo que existe antes do nosso nascimento”, isto é, formado pelas heranças socioculturais que compõem o imaginário. A vida cotidiana, “se debruça sobre as condições de vida dos trabalhadores, das condições objetivas da produção capitalista” (PEREIRA, 2007, p.67), ou seja, está voltada para o ordinário e não dispensa a rotina.

O último elemento do cotidiano, a cotidianidade, é definido por Pereira (2007, p.67) como “a adjetivação dos procedimentos da vida cotidiana”. O autor (2007, p.67) salienta que se faz necessário pensá-la em “relação ao imaginário social de cada povo: as riquezas estéticas traduzidas nos ritmos, nas imagens e na fala”. Assim, a vida cotidiana é diferente para os grupos sociais, mesmo quando eles fazem parte do mesmo espaço.

Ao abordar os pressupostos teóricos do cotidiano, Tedesco (2003, p.25, grifo do autor) defende que a vida cotidiana é “antes de tudo, um produto histórico. Ela se vincula e possui uma relação de estreiteza com os movimentos, as rupturas e as continuidades que as várias modalidades organizativas e de existência social assumem”.



2.1 A Sociologia do Cotidiano a partir de Michel Maffesoli

O sociólogo francês Michel Maffesoli é considerado um autor bastante polêmico por suas convicções a respeito do tema. Sua visão busca fugir da razão instrumental propagada pela modernidade, por meio da adoção de uma razão sensível na compreensão dos aspectos sociais.

Apesar de ter sido fortemente influenciado por diversos teóricos, Maffesoli possui uma visão bastante particular dos aspectos do cotidiano. Nesse sentido, o autor acredita que o cotidiano não pode ser compreendido como um conceito e sim, como um estilo.

[...] o cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto. [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma ‘encarnação’ ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura. (MAFFESOLI, 1995, p. 64).

Na concepção de cotidiano apresentada por Michel Maffesoli, destaca-se a questão da cultura, enquanto parte inerente às relações sociais que emergem no cotidiano, bem como a importância que é dada às questões de cunho emocionais estabelecidas nas trocas entre o indivíduo e o outro. Fato que remete à questão da alteridade, ou seja, considerar a existência de alguém que está na outra ponta, responsável por completar essa relação de troca social.

Para Tedesco (2003, p.123) Maffesoli faz uma revisão da sociologia compreensiva de Weber, a partir de um viés subjetivo “das ações não lógicas, da poética da vida cotidiana, do fantástico do dia-a-dia, da banalidade, do vivido do interior; no fundo, o autor quer romper com a razão em benefício dos sentimentos (o bom senso popular) ”.

Tedesco (2003, p.124) defende que as obras de Maffesoli são “um grande esforço no sentido de perceber a multiplicidade dos fatos cotidianos fragmentados e banais, numa concepção global do social que justifica as buscas das grandes formas sociais”.

Para Maffesoli os pequenos acontecimentos da vida cotidiana possuem uma grande importância, pois atuam como ferramentas estratégicas que podem levar os indivíduos a



superar os processos de controles sociais, sobretudo, por serem orgânicos e detentores de uma força de coesão.

O autor (Michel Maffesoli) é claro em dizer que as minúsculas atitudes do cotidiano têm uma extraordinária capacidade de subversão e de poder escapar aos processos de controle social. Há uma astúcia estrutural, uma sabedoria que compõe o cotidiano e que lhe dá estatuto de soberania social. O intercâmbio de conhecimentos, as tagarelices sem consistência e o imoralismo ético possuem força de coesão; são orgânicos, resistem e, ao mesmo tempo, revelam a complexidade e a riqueza de cenário da vida cotidiana. (TEDESCO, 2003, p. 126, grifo nosso).

Os pressupostos sociológicos de Michel Maffesoli permitem a construção de um terreno fértil para o cultivo e ampliação de questões que perpassam a análise da vida cotidiana, especialmente por permitir que os elementos que compõem o estilo de vida interiorano ganhem novos contornos e apresente-se como algo complexo e rico, a despeito do seu status de banal e efêmero instituído no cotidiano.

4. Vanessa da Mata: popularidade e sensibilidade

Vanessa da Mata é uma artista mato-grossense que começou a fazer sucesso aos 21 anos, quando compôs com Chico César a canção "A força que nunca seca". A música foi gravada por Maria Bethânia em 1999 e por Chico César no CD, "Mama Mundi". (VANESSA DA MATA, 2015)

Em pouco tempo, Vanessa da Mata passou a ocupar um espaço privilegiado na mídia, sobretudo, com a presença de suas músicas nas novelas globais. Entre elas, "Nossa Canção" na novela *Celebridade*; "Onde Ir", na novela *Esperança*; "Ai, Ai, Ai...", na novela *Belíssima*, "Ainda Bem", como tema da novela *Pé na Jaca*. As músicas "Amado" e "As Palavras" também foram temas de novelas da Rede Globo (VANESSA DA MATA, 2015)

Além disso, a artista ganhou vários prêmios, entre eles o Grammy Latino, na categoria Melhor Álbum de Pop Contemporâneo Brasileiro, com "Sim", além da indicação para Melhor Canção Brasileira com "Acode" e o Prêmio Multishow de Melhor Música com "Boa Sorte/Good Luck".

A visibilidade midiática alcançada pela artista possibilitou sua independência no mercado, por meio do lançamento do selo Jabuticaba, que já no nome carrega o clima



interiorano que inspira suas canções, “Bicicletas, Bolos e Outras Alegrias” foi o álbum de estreia do selo. Esse alcance de Vanessa da Mata contribuiu para a popularidade junto ao público, principalmente pelos temas abordados nas suas composições, que tratam desde questões sobre relacionamentos, romantismo, crítica social e na maioria das vezes, situações que envolvem o cotidiano.

A temática regionalista, envolvendo o estilo de vida interiorano possui uma atualização contemporânea, por meio da ressignificação do universo rural pautada na rusticidade poética, preocupada em promover uma identificação com o público, que é bastante amplo e diversificado. A discografia de Vanessa da Mata é formada por sete álbuns, conforme apresenta a Tabela 1

Tabela 1 - Discografia

Título	Ano de lançamento
Vanessa da Mata	2002
Essa boneca tem manual	2004
Sim	2007
Multishow ao Vivo,	2009
Bicicletas, Bolos e Outras Alegrias	2010
Vanessa da Mata canta Tom Jobim	2013
Segue o som	2014

Fonte: A autora, 2015⁴

5. Procedimentos metodológicos

Vanessa da Mata lançou sete álbuns, entre eles, o disco “Vanessa da Mata canta Tom Jobim” (2013), que não faz parte do corpus da pesquisa, em virtude de conter apenas composições de Tom Jobim. O disco “Multishow ao vivo” não faz parte do corpus por se apresentar canções dos álbuns anteriores.

Na realização deste artigo foram considerados os cinco discos restantes, compostos na sua maioria por canções autorais, nesse universo foram selecionadas uma composição de cada álbum que aborda a questão do cotidiano interiorano, marcado por algum traço da cultura popular.

As músicas que formam o corpus dessa investigação estão descritas na Tabela 2, com as informações referentes aos discos de origem e os anos de lançamentos.

⁴ Tabela construída a partir das informações coletadas no site da artista. Disponível em: <<http://www.vanessadamata.com.br/musicas.aspxr>>. Acesso em 15 mai. 2015.



Tabela 2 – Corpus da pesquisa

Músicas analisadas	Disco	Ano de lançamento
A força que nunca seca	Vanessa da Mata – 2002	2002
Joãozinho	Essa boneca tem manual	2004
Pirraça	Sim	2007
Bicicletas, bolos e outras alegrias	Bicicletas, bolos e outras alegrias	2010
Rebola nêga	Segue o som	2014

Fonte: A autora, 2015⁵

5.1 Análise das músicas

As seis músicas que formam o corpus da investigação foram analisadas qualitativamente, a partir dos elementos que fazem parte do estilo de vida simples, típica do cotidiano das pessoas que vivem nas cidades do interior do País.

5.1.1 A força que nunca seca (2002) – Vanessa da Mata

A música “A força que nunca seca” faz parte do primeiro disco de Vanessa da Mata, lançado em 2002, pela gravadora Sony Music, com produção de Jaques Morelenbaum, Luiz Brasil, Dadi Carvalho, Kamal Kassin e Swami. A canção é uma composição de Vanessa da Mata com Chico César, ela retrata uma cena corriqueira no cotidiano nordestino, a mulher com a lata na cabeça em busca da água, algo básico para a sobrevivência, num ambiente árido e esquecido pelas autoridades.

Essa imagem não é recente, há muitos anos, o Sertão nordestino sofre com as grandes estiagens. Situação que já serviu de inspiração para a literatura, a exemplo do romance “Vida Seca” do escritor Graciliano Ramos.

Tabela 3 – A força que nunca seca

A força que nunca seca (Vanessa da Mata e Chico Cesar)	Sematização
Já se pode ver ao longe A senhora com a lata na cabeça	Os nordestinos caminham vários quilômetros em busca de água, um caminho marcado pela paisagem árida, tendo como única ferramenta a lata, a mulher sertaneja destaca-se no vazio do cenário rústico.
Equilibrando a lata vesga Mais do que o corpo dita O que faz e equilíbrio cego	A lata de tão usada, não possui a firmeza necessária para sustentar a água, mas, a mulher a segura, a partir de um equilíbrio que chega a ser “cego”, seja pela automatização do movimento, seja pela resignação, que a faz realizar essa árdua tarefa diária sem questionar.
A lata não mostra	O jogo de palavras: “entorta” e “reta”, expressa o movimento

⁵ Tabela construída a partir das informações coletadas no site da artista. Disponível em: <<http://www.vanessadamata.com.br/musicas.aspx>>. Acesso em 15 mai. 2015.



O corpo que entorta Pra lata ficar reta	necessário para manter o equilíbrio da lata e do corpo diante do peso, um esforço que resulta no sofrimento cotidiano sentido pelo corpo.
Pra cada braço uma força De força não geme uma nota	Expressa a força e ao mesmo tempo a resignação do povo nordestino em relação ao árduo trabalho cotidiano, marcado não apenas pela escassez de água, como de alimentos básicos. Tudo é sentido sem reclamação, não há “gemido”.
A lata só cerca, não leva A água na estrada morta E a força nunca seca Pra água que é tão pouca	Não é a lata que sustenta, ela apenas contém água, o esforço é exclusivamente humano. A estrada está morta, pois os animais estão morrendo e a vegetação sofre com a escassez da água, elemento essencial para a manutenção da vida. Apesar disso, a força não acaba, diante de tão pouco que a vida oferece.

Fonte: A autora, 2015⁶

A Tabela 3 apresenta a análise qualitativa da música a “Força que nunca seca”, na qual, buscou-se uma interpretação possível a respeito das características do viver no interior. A imagem é típica do cenário nordestino, no qual a falta d’água é uma adversidade que faz parte do cotidiano. A figura da mulher forte, sertaneja que apesar das intempéries permanece lutando para sobreviver. Trata-se de uma força inesgotável, exemplo de resiliência diante da dura realidade cotidiana.

O viver no interior nessa canção é marcado não apenas pela simplicidade mas, sobretudo, pela falta que questões básicas necessárias à sobrevivência humana, como a água, um bem tão precioso e ao mesmo tempo, tão raro. Do ponto de vista político, a manutenção das péssimas condições decorrentes da seca, é de interesse das autoridades, pois manter as coisas como estão, fortalece a modalidade de participação assistencialista, fortalecendo a chamada “indústria da seca”.

A composição “A força que nunca seca” aborda elementos do cotidiano de um interior marcado pelas dificuldades históricas, enfatizando a força e resiliência do povo nordestino. Portanto, é um estilo de vida rústico e cercado por problemas sociais.

5.1.2 Joãozinho (2004) - Essa boneca tem manual

A música “Joãozinho” faz parte do álbum “Essa boneca tem manual”, segundo CD de Vanessa da Mata, lançado em 2004, pela gravadora Sony Music, produzido por Liminha. A composição expressa o clima do interior, por meio da descrição de uma forma

⁶ CESAR, Chico; MATA, Vanessa da. A Força que nunca seca. Disponível em: <http://www.vanessadamata.com.br/musicas-faixas.aspx?ID=1>. Acesso em 15 mai. 2015.



de cuidar do cabelo como hábito presente no cotidiano regional. Ao mesmo tempo que é feita uma crítica a esse costume, visando a fortalecer a identidade afrodescendente.

Tabela 4 – Joãozinho

Joãozinho (Vanessa da Mata)	Sematização
Moça de joãozinho no cabelo Faz de conta no espelho Faz de conta no espelho	Joãozinho é um tipo de penteado que visa reduzir o volume dos cabelos crespos, característico das mulheres afrodescendentes. A expressão “faz de conta”, remete à brincadeira de criança, com ênfase na negação das raízes negras. Na medida em que, busca-se assumir uma identidade cultural diferente.
Abre a porta e vai para o asfalto Lisa a ponta do cabelo Alisa a ponta do cabelo	Descreve o processo do penteado, que consiste em alisar os fios. Outra característica típica no interior, é o hábito de “arrumar” publicamente, em contraste com os ambientes urbanos, nos quais, esse tipo de cuidado está circunscrito ao espaço privado, seja em salões de beleza ou em casa.
Corre quando começa a chover Olha só vai enrolar O cabelo encolher	Aborda a temporalidade do estado do cabelo, que na presença da chuva, o trabalho é destruído. Assim como uma espécie de máscara que cai, para revelar a essência cultural da personagem da música.
Vem ver Maria Vem ver Maria Joãozinho Vem ver Maria Vem ver Maria De Joãozinho	Chamar a atenção dos outros para observarem o penteado de Maria, que tem o nome de Joãozinho, um jogo de palavras, que faz referência a infância, como a história de João e Maria. O que reforça a ingenuidade, marcada por uma pureza que chega a ser infantil, presente na vida no interior.

Fonte: A autora, 2015⁷

A música aborda a questão da identidade cultural, que muitas vezes é permeada por uma imposição midiática, que promove padrões de beleza à serem seguidos, excluindo qualquer tipo de diversidade que fuja dessa uniformização. No cotidiano do interior, o “Joãozinho”, apesar de ser um nome próprio, refere-se a um tipo de penteado que busca alisar o cabelo crespo.

Além disso, a composição estimula a reflexão sobre a valorização da identidade negra, sobretudo, por essa ser uma “bandeira” levantada pela artista, que é adepta do cabelo com cachos volumosos e naturais, uma característica estética marcante na sua identidade artística, o que promove o fortalecimento da cultura afro.

5.1.3 Pirraça (2007) - Sim

A música “Pirraça” faz parte do álbum Sim, lançado em 2007 pela gravadora Sony Music, tem a produção de Kassin e Mario Caldato. A música é uma parceria de Vanessa da Mata com Kassin, músico responsável por produzir alguns dos seus discos. O tema

⁷ MATA, Vanessa da. Joãozinho. Disponível em: <<http://www.vanessadamata.com.br/musicas-faixas.aspx?ID=2>>. Acesso em 15 mai. 2015.



principal da canção é a questão da autonomia do tempo, que decide que ritmo adotar nas diversas situações do cotidiano.

Tabela 5 – Pirraça

Pirraça (Vanessa da Mata e Kassin)	Sematização
Passa o tempo sem demora Quando não penso nas horas Os ponteiros do relógio Fazem voltas se não olho	Aborda a questão do tempo, como um ente independente e autônomo, que nunca favorece a realização das tarefas do cotidiano, com um ritmo rápido quando não se pensa sobre ele.
Mas quando acendo o fogo Para fazer um café Vejo o tempo parar Pra água ferver Parece nunca acabar, espera sem fim 06:04; 06:05; 06:05; 06:05 Esperando o apito da chaleira Vejo o tempo parar Parar O tempo pirraça	Em tarefas que exigem que o tempo passe rápido, o tempo parece parar, como por exemplo, no momento de fazer um café, que se espera que seja uma tarefa simples e rápida, no entanto, demora excessivamente. O tempo é um personagem autônomo que faz “pirraça”, termo bastante popular, sobretudo nas cidades do interior, que tem como significado, fazer algo de propósito com o objetivo de provocar.
Quando à tarde no trabalho Quero que o tempo passe Os ponteiros do relógio Só me dão o tique-taque	Durante a realização do trabalho, uma atividade que exige responsabilidade e obrigatoriedade, o tempo passa num ritmo mais lento, tornando a atividade enfadonha e em alguns casos, tediosa.
Quando eu encontro os amigos Para tomar um café A rapidez que não tinha Sem disfarçar Parece brincadeira Pega-pegas	No convívio social, um momento de interação e descontração prazeroso, o tempo mais uma vez passa mais rápido, utiliza expressões “brincadeira” e “Pega-pegas”, bem característicos, da ingenuidade da vida no interior, pois remete à nostalgia da infância.
Quando paro que olho as horas Para o tempo que me olha E espero ansiosa Vou comendo a casa Paçoca, suspiro, cocada, jujuba Quindim, bombom, churros, bomba Paçoca, suspiro, cocada, jujuba Quindim, bombom, churros E vejo o tempo parar Parar O tempo pirraça Paçoca, suspiro, cocada, jujuba Quindim, bombom, churros, bomba	Aborda a questão da ansiedade, em virtude do tempo passar lentamente o que resulta numa espera tediosa, no ambiente doméstico. Diante dessa situação, a ansiedade faz com que as energias sejam canalizadas para a ingestão de guloseimas. E nesse sentido, são apresentados doces típicos da culinária das cidades do interior como: paçoca, suspiro, cocada e quindim. A composição encerra-se, acusando o tempo como responsável por provocar e ter um ritmo específico para cada situação, reforçando a máxima “o que é bom dura pouco”.

Fonte: A autora, 2015⁸

A análise da música é expressa na Tabela 5, que a apresenta o tempo como um personagem do cotidiano, que propositadamente adota ritmos diferentes de acordo com a

⁸ MATA, Vanessa da. Pirraça. Disponível em: <<http://www.vanessadamata.com.br/musicas-faixas.aspx?ID=3r>>. Acesso em 15 mai. 2015.



sua escolha, visando “provocar” o eu lírico da composição, que pode ser qualquer ser humano que realiza as atividades inerentes ao cotidiano.

5.1.4 Bicicletas, bolos e outras alegrias (2010) - Bicicletas, bolos e outras alegrias

A música “Bicicletas, bolos e outras alegrias” faz parte do álbum homônimo, lançado em outubro de 2010, pela gravadora Sony Music, é o quarto álbum de estúdio de Vanessa da Mata e traz 12 músicas inéditas, todas elas autorais. Vanessa da Mata recebeu disco de platina e o Prêmio de Música Brasileira, na categoria Melhor cantora de 2011 por esse disco.

A canção faz uma leitura do cotidiano interiorano marcado pela culinária tradicional, por meio de uma receita que é passada pelas gerações passadas. Enfatizando as qualidades que o bolo de fubá pode oferecer para a saúde integral do indivíduo, inclusive do ponto de vista, emocional e psicológico, por possuir também um caráter místico.

Tabela 6 – Bicicletas, bolos e outras alegrias

Bicicletas, bolos e outras alegrias (Vanessa da Mata)	Sematização
Vá, Didi, vá comprar leite e açúcar no mercadinho que é mais perto quer bolo de fubá mas não ajuda vá de bicicleta, de bicicleta (2x) É simpatia contra dispersão Rejeição, desilusão As sete ervas dos bons caminhos Arruda ajuda Quem disse que faniquito não cura Quem disse que açúcar e afeto não podem curar	O uso do apelido (Didi), demonstra o clima de intimidade, sobretudo pelas relações que são estabelecidas nas cidades do interior. O mercadinho, apesar não ser um estabelecimento exclusivo das pequenas cidades, é uma atualização da antiga quitanda, venda, ou bodega, na qual a relação com o proprietário não é meramente comercial, pelo fato de todos da cidade se conhecerem. O mercadinho é um lugar próximo, portanto pode-se utilizar a bicicleta, um veículo bastante usado no interior. O bolo de fubá tem propriedades curativas, tratando inclusive, das enfermidades da alma, como a rejeição e desilusão. Ao mesmo tempo é um processo místico, mágico, por ser uma espécie de simpatia, algo muito presente na cultura popular. É comparado ao uso fitoterápico das ervas, pois o açúcar e o afeto também podem curar questões emocionais e psicológicas.
A vó dizia que era perfeição Tradição e evolução Era o bolo que todos gostavam Do Flamengo ao Corinthians E a molecada espalhada voltava Tinha o dom de agregar quem brigava	A importância do conhecimento que é passado de geração para geração, a despeito da “evolução”, a receita do bolo de fubá é um valor tradicional que se mantém vivo no cotidiano. O alimento é responsável por agregar, inclusive pessoas que pensam diferentes.
Traz amor em três dias Ou o seu dinheiro de volta	Assim como, “os trabalhos espirituais”, o bolo de fubá tem como promessa trazer o amor de volta.
É simpatia contra dispersão Rejeição, desilusão As sete ervas dos bons caminhos Arruda ajuda	Mais uma vez, fala sobre as qualidades do alimento, que ajuda na promoção de uma vida próspera.



Fonte: A autora, 2015⁹

A música constrói uma narrativa num cenário da cidade o interior, abordando principalmente o poder de agregar promovido pelas receitas tradicionais, as chamadas receitas de família. As propriedades curativas do bolo de fubá assumem o status “mágico”, ao ser comparada aos trabalhos espirituais encomendados em algumas religiões africanas.

5.1.5 Rebola Nêga (2014) – Segue o som

A composição “Rebola Nêga” faz parte do último CD de Vanessa da Mata, “Segue o som”, lançado em 2014, pela gravadora Sony Music, que conta com a produção de Kassin. Apesar da presença de palavras como “metrô” que contrasta com o universo rural, o cotidiano está presente na narrativa, que também é uma temática que perpassa esta investigação. Além disso, a sua inclusão dessa canção proporciona uma maior representatividade da obra de Vanessa da Mata, por ser a canção do disco que mais se aproxima do tema em estudo.

Tabela 7 – Rebola Nêga

Rebola Nêga (Vanessa da Mata)	Sematização
Rebolada reboladora Rebola nêga a vida é muito dura Rebolada reboladora Rebola nêga quebrando a cintura	Aborda os desafios da mulher para enfrentar as adversidades presentes na luta cotidiana, a partir de uma comparação com a expressão “jogo de cintura”
Cê vê a vida dura da nêga, oh Cê pensa que ela sofre Trabalha de segunda a segunda De chuva a sol forte	Descreve a participação da mulher no mercado de trabalho, cada vez mais precarizado, que a obriga a trabalhar sem folga, para assegurar sua sobrevivência. Indêpende das circunsntâncias ela deve trabalhar sempre
Relaxa quando entra no metrô Amassada no vidro Os sonhos são livres e ela só Dá surra de amor nos filhos	Critica as péssimas condições do transporte público, necessário para ao deslocamento no caminho ao trabalho. Apesar de todas as limitações sociais, a personagem não deixa de sonhar. Mãe solteira que ama os filhos, independente das circunsntâncias busca ser a melhor mãe que pode ser.
E ela sofre, mas sonha Esse país é uma vergonha Há muita injustiça Na cara dura Ela dá um jeito de driblar	Nesse trecho, as dificuldades enfrentadas no cotidiano da personagem são creditadas ao poder público, responsável pelas desigualdades sociais e descasos com os serviços públicos essenciais. Apesar disso, ela supera as adversidades com perseverança e criatividade.
Em busca da alegria Quando ela pode vai dançar Pra renovar as esperanças Rebolada reboladora...	O rebolar, assume o significado literal, por meio do lazer encontrado na dança, escape necessário para renovar as forças e a fé num futuro melhor.

⁹ MATA, Vanessa da. Bicicletas, bolos e outras alegrias. Disponível em: <<http://www.vanessadamata.com.br/musicas-faixas.aspx?ID=5>>. Acesso em 15 mai. 2015.



Fonte: A autora, 2015¹⁰

A composição aponta o cotidiano de uma mulher negra que passa por vários problemas, que vão desde a carga excessiva de trabalho, a qual se submete para garantir a criação dos seus filhos, tarefa que assumida integralmente por ela, por ser mãe solteira. Além disso, promove uma reflexão sobre as injustiças sociais, decorrentes do descaso dos gestores públicos, que torna a vida de milhões de mulheres brasileiras um enorme desafio.

Considerações Finais

A discussão sobre o cotidiano interiorano retratado nas composições de Vanessa da Mata, ocorre por meio de narrativas que constroem cenários propícios para o desenvolvimento de hábitos da cultura popular. Ao se apropriar desses elementos, a música de Vanessa da Mata apresenta um caráter folkmediático, por ressignificar valores da cultura popular na construção de uma música pop, marcada pelo grande alcance midiático.

O cotidiano é um elemento inerente à cultura, portanto, o que é considerado banal e corriqueiro, ganham uma nova interpretação, que revela a complexidade implícita. Este cotidiano está presente nas músicas analisadas, promovendo uma identificação com o público. Além de apresentar elementos do estilo de vida no interior, marcado pela sensibilidade, ingenuidade, relações interpessoais mais próximas, o que pode gerar um sentimento de nostalgia no ouvinte, ao construir um tempo idealizado.

Ao mesmo tempo, Vanessa da Mata promove a reflexão sobre problemas sociais que fazem parte desse universo, justificando a força e a resiliência das pessoas marginalizadas socialmente, como ferramentas necessárias para a sobrevivência num cotidiano, muitas vezes, adverso.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁰ MATA, Vanessa da. Rebola nêga. Disponível em: <<http://www.vanessadamata.com.br/musicas-faixas.aspx?ID=7>>. Acesso em 15 mai. 2015.



LUYTEN, Joseph M. Folkmídia: uma nova visão do folclore e de folkcomunicação. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global**: Avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2002.
MAFFESOLI, Michel. Estilo e Cotidiano. In: **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e ofício Ed., 1995.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. In: Revista **FAMECOS**. Porto Alegre, nº. 32, abril, 2007.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano**: Introdução à constituição de um campo de análise social. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Passo Fundo: UPF, 2003.

VANESSA DA MATA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Vanessa_da_Mata&oldid=42350787>. Acesso em: 20 mai. 2015.